

FUTEBOL AMADOR NO “PAÍS DE FUTEBOL”: CADÊ AS MULHERES?

Maria de Fatima Oliveira Santos¹
Alana Mara Alves Gonçalves²

RESUMO

O futebol é uma manifestação cultural que possui uma forte ligação com o povo brasileiro. O objetivo geral do presente estudo é observar um jogo de futebol amador e refletir sobre a questão da mulher em campo no futebol amador durante as partidas de um jogo na Areninha do bairro Seminário da cidade de Crato/CE. Esse artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa com abordagem antropológica e registro em diário de campo realizado a partir da observação de um jogo de futebol amador praticado por mulheres na Areninha do bairro Seminário da cidade de Crato/CE. Para elaborar uma visão crítica da presença da mulher no futebol amador, assisti ao um jogo de futebol amador feminino na Areninha do bairro Seminário da cidade de Crato/CE no dia 25 de março de 2019. Portanto, a participação da mulher no futebol amador e em toda sua dimensão é, infelizmente, uma questão a ser refletida e discutida em nossa sociedade. Esse espaço ainda é muito fechado para elas. Percebi que em parte esse bloqueio encontra seu respaldo na construção cultural centrada no patriarcado, esse impõe limites espaciais, ditando os lugares onde as mulheres podem estar ao mesmo passo que as conduzem para as delimitações do que podem ser. É essa desigualdade de gênero persistente e visível no futebol que levam as mulheres a lutarem por equidade nos diferentes eixos sociais, além de procurar romper com a replicação de comportamentos machistas, inclusive no âmbito escolar.

Palavras-chave: futebol amador, mulher, desigualdade de gênero.

INTRODUÇÃO

O futebol é uma manifestação cultural que possui uma forte ligação com o povo brasileiro. A relação entre futebol e o Brasil apresenta-se de muitas formas, seja na forma de lazer como um “jogar bola” no final de semana, uma conversa de bar, na compra de uma chuteira ou ingresso para assistir a jogos. De fato, o futebol representa comportamentos e simpatia de muitas pessoas independente de idade, condições socioeconômicas ou gênero.

Tido como uma paixão nacional, o futebol faz parte da identidade cultural de brasileiros e brasileiras. Porém, o esporte tem uma receptividade maior do público masculino, pois historicamente o futebol foi compreendido em nossa sociedade como esporte para homens. No século XIX, no Brasil, homens já praticavam o futebol, principalmente nas

¹ Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - CE, mariaoli9627@gmail.com;

² Professora da disciplina Bases Sócio Antropológicas Aplicadas a Educação Física da Universidade Regional do Cariri – URCA. e-mail: alana-urca@bol.com.br

idades de São Paulo e Rio de Janeiro, pois estas eram as mais populosas e desenvolvidas da época. Os homens começaram a praticar o futebol bem antes das mulheres, elas só tiveram contato com o referido esporte de forma institucionalizada no final do século XX, de longe se percebe essa diferença que deve ser superada historicamente na busca de igualdade de condições de gênero para a prática do futebol.

O presente estudo faz parte de uma proposta da disciplina Bases Sócio Antropológicas Aplicadas a Educação Física do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Regional do Cariri- URCA e teve como objeto de estudo o futebol amador.

Desde a infância fui confrontada ao demonstrar meu interesse pelo futebol. Escutei muitas vozes machistas que me diziam que esse esporte era coisa de menino, que estava parecendo macho entre os homens jogando, até quando demonstrava a vontade de assistir uma partida ou o típico “racha”, ouvia “quantas mulheres vão está lá?”, “você não é mulher da vida para está procurando homem no campo”, “Maria chuteira”... Dessa forma, o meu interesse pelo futebol foi se diluindo, observei que isso também ocorria ao meu entorno com outras mulheres quando demonstravam interesse nessa prática. Assim, a visão machista e conservadora impõem posições que precisam ser questionadas, confrontadas, ao ponto de desconstruir esses discursos.

A partir das reflexões pude levantar a seguinte questão problema: como a desigualdade de gênero repercute (estabelece relação) na participação das mulheres no futebol amador?

Nesse sentido, o objetivo geral é: observar um jogo de futebol amador e refletir sobre a questão da mulher em campo no futebol amador durante as partidas de um jogo na Areninha do bairro Seminário da cidade de Crato/CE.

Portanto, os autores para aporte desse trabalho foram: Gonçalves (2002), Duarte (1997), Pimenta (2009), Silva (2011), Carvalho (2012), Franzini (2005), Damo (2007), Faria Júnior (1995) e Ecote (2013).

METODOLOGIA

Esse artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa com abordagem antropológica e registro em diário de campo compreendido a partir da observação de um jogo de futebol amador praticado por mulheres na Areninha do bairro Seminário da cidade de Crato/CE.

DESENVOLVIMENTO

Futebol amador e a desigualdade de gênero

Nesse tópico serão apresentadas as ideias dos autores sobre o futebol amador e a contextualização da desigualdade de gênero no futebol.

O futebol amador representou-se por muito tempo um espaço priorizado para o aprendizado do futebol profissional, sendo reconhecido como "fábrica" ou "celeiro" de atletas (GONÇALVES, 2002, p. 12).

Segundo Duarte (1997), o futebol amador, também conhecido como “futebol de várzea” é um termo utilizado nacionalmente em meios urbanos e rurais. Apesar de ser uma prática esportiva amadora, ela segue alguns padrões do futebol profissional se assemelhando em quase todos os aspectos. Os times, em geral, contam com uma diretoria, presidência, inclusive, com registro em cartório; muitos possuem sede, mesmo que esta seja na casa do presidente ou de algum jogador; os diretores procuram os melhores jogadores, alguns em bairros distantes, estes, em geral, recebem dinheiro para atuar. O mais importante é montar um time competitivo, contando para isso com a contribuição financeira de sócios e doações de torcedores e comerciantes do bairro. Alguns times possuem torcidas, gritos de guerra, hinos e uniformes padronizados; disputam diversos torneios e campeonatos organizados por ligas amadoras em variados campos dentro ou fora da cidade, algumas destas competições são regidas pelas regras do Football Association as mesmas do futebol profissional.

Pimenta (2009) traz que o futebol amador é uma prática esportiva amplamente difundida em nosso país e assim como o futebol profissional pode fornecer importantes elementos para uma compreensão de nossa sociedade, pois a multivocalidade do futebol não se restringe ao lado profissional, imerso na grande indústria do entretenimento e do lazer, mas se revela também nos “campos” de terra batida localizados nas grandes cidades e nos pequenos distritos rurais.

Para Silva (2011), a diferença básica entre o Futebol Profissional e Futebol Amador é que o profissional tem como principal foco a perspectiva do trabalho, a busca de resultados e da vitória a qualquer custo, além de se tornar um meio de sobrevivência; já o amador direciona-se para a perspectiva do lazer, sendo praticado pela busca do prazer, alegria e divertimento do grupo.

Dentro de uma visão mais ampla do futebol amador, Gonçalves (2002) faz em seu trabalho, *Futebol Amador: campo emergente de sociabilidade*, uma divisão quanto à forma de jogo dentro do futebol amador em: Jogos abertos e jogos fechados. Desse modo, para Gonçalves (2002), os jogos abertos não têm times formados, os jogadores se articulando com seus amigos ou conhecidos de forma imprevisível para que o jogo aconteça. A formação do time é feita alternadamente pelas as pessoas que estão presentes, seja pelo um responsável ou um veterano no jogo. Normalmente, os jogos abertos acontecem durante a semana, nos finais da tarde. Outra característica comum apresentada é o tempo estipulado pelos próprios jogadores de vinte a vinte e cinco minutos para que outro time possa jogar. Além disso, os times não apresentam uma padronização em relação à vestimenta.

Já, nos jogos fechados para Gonçalves (2002), os times têm uma formação determinada anteriormente, possuem um nome e pessoas responsáveis. Contam com dias e horários organizados para os treinos, jogos, uniforme, tempo das partidas é semelhante ao futebol profissional, árbitro exclusivo para aquela função; alguns times são patrocinados, os jogadores utilizam equipamentos padronizados para atuação na partida, como também os times disputam campeonatos com regras similares ao profissional.

Carvalho (2012) corrobora com o estudo afirmando que o futebol amador é a primeira opção feita pelas as pessoas que têm uma rotina semanal de trabalho e utilizam o seu tempo livre durante a semana e final de semana para praticar o futebol como lazer. Em outra perspectiva Goerg (2010) aborda que a prática do futebol amador é uma saída que o indivíduo encontra na intenção de aliviar o estresse do cotidiano, bem como uma maneira de sentir-se ativo socialmente.

Complementando este contexto, o futebol amador é uma prática social visada por muitos indivíduos, tanto pelo o seu baixo custo quanto pela a sua popularidade. Mas assim como o futebol em toda sua dimensão, o futebol amador é mais comum entre homens do que entre mulheres. Desse modo, a participação das mulheres no futebol é marcada por uma trajetória de lutas e conquistas. Uma das questões que envolvem a prática do futebol pelas mulheres está relacionada à discussão de gênero. Em toda história do esporte a mulher foi subjugada no que tange à conquista de seus direitos fundamentais de participação.

Desse modo, segundo Guirra e Almeida (2015), a história do esporte desde muito tempo tem sido construída por e para personagens do gênero masculino, isso se deve ao fato de os papéis destinados a homens e mulheres terem sido designados pela sociedade. Nesse

contexto, o papel da mulher na sociedade, em muitos casos, é inferior em relação ao do homem.

Historicamente, as mulheres desempenharam papel secundário em relação aos homens em quaisquer setores da sociedade. Essa dita superioridade masculina foi construída culturalmente a partir das diferentes formas de educar homens e mulheres, o que conferiu competências e habilidades específicas para cada gênero. Escola e Família são consideradas as principais instituições responsáveis pela construção e/ou reprodução de valores estereotipados acerca das questões de gênero. (CRUZ. et al, 2008, p.3).

E somente com várias lutas que envolveram diversos contextos da mulher na sociedade é que esta foi ganhando mais espaço para realizar feitos antes proibidos, isso se estendia a vários esportes.

Segundo Franzini (2005), essa situação assustadora resultou na criação do Conselho Nacional de Desporto, no artigo 54 que proibia as mulheres de praticar esportes por não ser convenientes com a sua feminilidade. "Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou, a Deliberação nº 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, rugby, halterofilismo e 'baseball'" (GOELLNER, 2005, p.145).

Para Martins e Moraes (2007), além das questões legais, as questões sociais também colaboraram para a rejeição da prática do futebol pelas mulheres, pois sempre houve preconceito em relação às praticantes. O preconceito social induziu um preconceito esportivo, pois a mulher praticante de futebol era tida com masculinizada, grosseira e sem classe.

Desse modo, Ecote (2013) ressalva que com o avanço das conquistas feministas alguns aspectos relacionados à vida da mulher foram sendo tratados de forma mais aberta. Sua participação no esporte foi um destes aspectos, mas sempre rodeado de dificuldades e preconceitos. Este, desde sua origem, foi marcado por uma maciça presença masculina. Como este espaço não é apenas esportivo, mas também social, os valores da sociedade tiveram um reflexo marcante na constituição da ideia de que futebol não era um espaço feminino.

Para Damo (2007), o futebol de várzea, ressaltam alguns padrões comuns de masculinidade observados dentro dos grupos populares, vistos por princípios de honra, lealdade, patronato, homosociabilidade, heterossexualidade, valentia, uso da força física e resistência à dor e à bebida.

Telles (2017, p.36) em seu trabalho afirma que:

Se por muito tempo perdurou uma imagem da mulher que deveria servir para a maternidade e que era sinônimo de beleza, pureza e feminilidade, o movimento feminista serviu para, além de quebrar esse paradigma, dar voz àquelas mulheres que acreditavam que poderiam ser mais, e revelar também a questão de que não somos seres binários, ou seja, que não devemos atender somente ao masculino ou somente ao feminino.

É claro que as mulheres quando se introduzem em modalidades esportivas dominadas pelos homens sempre se deparam com esse tipo de preconceito, porque "[...] as suas práticas estão envoltas no estigma da homossexualidade - e uma vez que o rótulo, o estereótipo está grudado na pessoa ou naquele campo social (no caso, o futebol feminino), ele dificilmente será retirado" (KNIJNIK, 2006, p. 393). Essa certificação ainda pode ser notada vigorosamente no meio social, o que confirmam que as ideias propagadas no início do século XX, quando as práticas esportivas eram vistas como espaços tipicamente masculinos. Nota-se que essa visão se encontra entranhada em nosso meio, concebendo barreiras.

Segundo Souza Júnior e Darido (2002), a grande refutação da introdução das mulheres na prática do futebol no país, foi o preconceito histórico ao longo do último século nesta prática. Outro motivo, apontado por Faria Júnior (1995), está relacionado à ausência de oportunidade de praticar o esporte dentro das escolas, em função de muitas vezes os professores de Educação Física apresentar a modalidade do futebol como “coisa de menino” e queimada ou voleibol “coisa de menina”.

Faria Júnior (1995) afirma que a falta da participação das mulheres no futebol no país está associada a alguns argumentos biológicos para afastar as mulheres do futebol. Ainda de acordo com Faria Júnior (1995), em meados do século XX, os médicos eram umas das referências na área da educação física, na época, eles afirmavam que as atividades realizadas em relação ao futebol “masculinizava” as mulheres, pois desenvolveriam pernas grossas, tornozelos “rechonchudos”, joelhos deformados e até lesões mamárias, relatos esses que provocavam o desinteresse por grande parte das mulheres e acentuavam o caráter masculino do esporte no Brasil.

Em suma, depois de várias lutas as mulheres pouco a pouco estão conseguindo seu espaço, no que se refere a essa prática social que é o futebol. Mesmo sendo, infelizmente, uma luta que se mostra demorada, acreditamos na homogeneização do gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presença da mulher no futebol amador na Areninha do bairro Seminário da cidade de Crato/CE

A mulher durante muito tempo desempenhou na sociedade o papel destinado à procriação, ao cuidado do lar e em agradar o seu marido. Durante o desenvolvimento das sociedades a história registra a desigualdade homem-mulher. Ao atribuir aos homens à condição de donos do conhecimento e às mulheres o papel subordinado ideologicamente ao poder masculino.

Desse modo, Pereira, Coura e Araújo (2018) apontam que a atual sociedade é fruto de uma matriz patriarcal, machista e capitalista, a desigualdade de gênero ainda é um tema evidente, as mulheres com salários mais baixos que os homens, mesmo realizando a mesma tarefa laborativa; feminicídio; violências físicas, psicológicas e patrimoniais. As mulheres na política parlamentar ainda são minoria, elas acumulam uma jornada de trabalho tripla e exaustiva. Na saúde ainda se deparam com um Estado detentor de seus corpos.

Por muitos anos, as mulheres estiveram ausentes ou desfiguradas na história brasileira. Como em qualquer outra parte do mundo, não se fez justiça ao papel que elas desempenharam no desenvolvimento do país. Pouco se sabe de suas vidas, papéis e experiências no passado, e a própria existência de fenômenos como o movimento pelo os direitos da mulher no Brasil no século XIX. (HAHNER, 1993, p.24)

E no futebol essa luta não foi diferente, segundo Goellner (2005), a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos que, apesar de não ter se consolidado de forma tranquila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à imagem da mulher atleta. As mulheres foram “autorizadas” a fazer parte deste evento apenas na sua segunda edição, mesmo sob protesto de alguns de seus idealizadores, cujas intervenções no âmbito da organização das competições direcionavam-se para que elas apenas assistissem aos jogos e não deles participassem.

A luta pela emancipação feminina ainda se faz necessária na atualidade. Os protestos criticam o lugar criado para a mulher, papéis e relações de gênero, combate às desigualdades, racismo, machismo, sexismo e heterossexualidade compulsória, buscam o empoderamento, sororidade e a afirmação da mulher como sujeito de sua própria história.

Para elaborar uma visão crítica da presença da mulher no futebol amador, assisti ao jogo de futebol amador feminino na Areninha do bairro Seminário da cidade de Crato/CE no dia 25 de março de 2019. Jogo este composto por 22 mulheres em campo.

Na observação do jogo alguns pontos me chamaram muita atenção um deles foi à falta de habilidade técnica desenvolvida pelas mulheres, a forma como estas manejavam a bola e guiavam para o gol, era notório que não tiveram deste cedo um acompanhamento ou incentivo para a prática do futebol.

O habitus como se diz a palavra, é aquilo que se adquiriu, mas que se encarnou no corpo de forma durável sob a forma de disposições permanentes. Esta noção lembra então, de maneira constante, que se refere a algo histórico, que é ligado a história individual, e que se inscreve num pensamento genético, por oposição a modos de pensamento essencialistas (como a noção de competência que encontramos no léxico chomskiano). Aliás, a escolástica designava também com o nome de habitus algo como uma propriedade, um capital. E de fato, o habitus é um capital, que, sendo incorporado, se apresenta com as aparências de algo inato. Mas por que não dizer hábito? O hábito é considerado espontaneamente como repetitivo, mecânico, automático, antes reprodutivo do que produtivo. Ora, eu queria insistir na idéia de que o habitus é algo que possui uma enorme potência geradora. Para resumir, o habitus é um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos, mas introduzindo neles uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que nós “reproduzamos” as condições sociais de nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira tal que não se pode passar simplesmente e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos. (BOURDIEU, 2010, p. 105)

A habilidade esportiva dificilmente coincide com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revelava o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina (LENKKYJ citado por ADELMAN, 2003, p. 448).

Segundo Silva e Santos (2010), nas aulas de Educação Física, quando do conteúdo o futebol/futsal, prevalece à maior participação dos meninos em detrimento das meninas, onde o professor fica “retido” a uma constituição histórica, as meninas já se conformam com este “domínio” masculino na prática deste esporte, e, portanto, em sua maioria não questionam tal situação impregnada na sociedade.

Um apontamento de uma jogadora da Areninha sobre esse assunto foi:

Concordo que ainda precisa-se discutir bastante sobre esse tema, pelos menos aqui é assim. É uma dificuldade para encontra um espaço para jogar, pois é como o povo diz - jogo de mulher não tem futuro, além disso, é complicado competir por espaço para treinar com os times masculinos e acabamos treinando uma vez por mês. É uma triste realidade que ainda cabe muita luta. (SANTOS, 2019, p.2)

Sem falar que nos jogos realizados na escola o tempo dos jogos dos meninos é maior que o das meninas. Segundo Pereira e Mourão (2005), a escola, no seu cotidiano, “produz e reproduz ações que separam e demarcam o que é considerado socialmente como pertencente ao mundo feminino e ao mundo masculino”. A presença do preconceito de gênero no ambiente escolar afeta meninos e meninas “e tem base no sistema educacional que reproduz, em alguns momentos, as estruturas de poder, de privilégios de um sexo sobre o outro em nossa sociedade”.

Para Mourão e Morel (2005), se recorrermos à história, vamos verificar que às mulheres não foram dadas oportunidades equivalentes as dos homens no que diz respeito à prática de atividades físico-desportivas. A construção cultural brasileira concebe o esporte, especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva indenitária da construção deste masculino, terminou por representar uma barreira ainda maior do que as outras atividades, à prática feminina.

Outro ponto que gostaria de destacar na observação do jogo foi à falta de seriedade do público para assisti ao jogo, os risos estavam presente em cada lance que era executado pelas mulheres, como uma forma de gozação, dava para interpretar como um tipo de imposição, como se aquele lugar não fosse um local para elas estarem, desempenhando tal papel. Para Bergson (2007), o riso é instrumento de reflexão filosófica e apresenta um papel social.

Para Bergson (2007), o riso acontece na associação entre os indivíduos a partir de um grupo social e visa corrigir àqueles que se revelem rígidos e insociáveis às transformações que a sociedade espera de cada ser humano. Além disso, o riso é geralmente de um grupo, então ele necessita de eco para executar sua função de correção social. Assim sendo, conforme maior o propagação do riso, do seu eco, mais atingirá seu destino de denunciar ou encorajar o homem, advertindo, executando a autorreflexão sobre sua condição.

A reflexão sobre o riso em Bergson (2007) traz, portanto, uma discussão sobre o equilíbrio social, pois, o riso impõe às mulheres a lembrança de que ali, o campo de futebol, não é seu lugar desejável nessa sociedade patriarcal.

Desse modo, para Santos (2018), o riso remete-se a um ser humano de forma a adequá-lo às normas sociais e à própria familiaridade com os outros. Mas também, possui a função de corrigir e até mesmo humilhar o indivíduo insociável, seja por seu caráter rígido em algum aspecto, seja por alguma deformidade corporal. O riso deixa de ser apenas uma expressão de alegria e passa ser uma forma de refletir sobre o mundo e a ação humana nas

suas diversas formas de ridicularização do outro. “(...) reduz-se ao mínimo, até a ironia nua, é o famoso 'riso voltairiano” (BAHKTIN, 1993, p. 34).

Desse modo, o riso esboçado no campo durante o jogo feminino tinha uma função social, nitidamente, expressava uma correção, em outras palavras humilhação, de modo que as participantes em certo momento do jogo se desmotivavam para realizar as jogadas.

Um último ponto que gostaria de destacar aqui foi bem visível e até mesmo comentado pelas as jogadoras, elas falaram da questão econômica. Ao término do jogo uma das jogadoras se dirigiu até mim e falou:

Gostamos de nos reunir para ‘jogar bola’, mesmo não tendo as mesmas habilidades que os homens, fazemos isso como forma de lazer e para que as mulheres também venham ter o seu lugar no futebol, pois não podemos deixar que o futebol feminino acabe, pois este é também um lugar para as mulheres usufruírem e devemos lutar para ganha mais e mais espaço, não podemos ficar acomodadas. Mesmo o futebol amador de mulher não ter o mesmo respeito que o praticado por homens, não ter o mesmo investimento e a mesma visibilidade, eu sei que temos que ter o mesmo direito que eles. Você está vendo não temos uniforme para todas? Pois não temos patrocínio, mas será se fosse um time masculino alguém já não teria investido? Mesmo como a evolução que tivemos no esporte ainda não há uma homogeneização em relação homem-mulher. (SANTOS, 2019, p.2)

Segundo Camargo e Kessler (2017), ainda as mulheres são vistas como inferiores dentro do esporte, às mulheres lutam para conseguir certa visibilidade, mesmo assim, muitas conquistas são invisíveis. Ainda nessa perspectiva, Camargo e Kessler (2017) pontuam que a precariedade está presente em questões básicas para o cotidiano do esporte, não existe uma estrutura essencial para treinamentos e campeonatos são realizados sem organização, colocando em risco o bem-estar das atletas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a participação da mulher no futebol amador e em toda sua dimensão é, infelizmente, uma questão a ser refletida e discutida em nossa sociedade. Esse espaço ainda é muito fechado para elas. Percebi que em parte esse bloqueio encontra seu respaldo na construção cultural centrada no patriarcado, esse impõe limites espaciais, ditando os lugares onde as mulheres podem estar ao mesmo passo que as conduzem para as delimitações do que podem ser. É essa desigualdade de gênero persistente e visível no futebol que levam as mulheres a lutarem por equidade nos diferentes eixos sociais, além de procurar romper com a replicação de comportamentos machistas, inclusive no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade Feminina. **Rev. Estudos feministas**, v.12, p. 445-65, 2003.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, Brasília: UnB, 1993.
- BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CAMARGO, W. X. ; KESSLER, C. S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Rev. Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, vol. 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017.
- CARVALHO, F. F de. **Futebol de Várzea**: uma opção de lazer. Porto Alegre - RS, 2012. 44 f. Monografia (Bacharel em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2012.
- CRUZ, M. M. S. et al. O futebol feminino em Guanambi: realidade vestida de preconceito. **Rev. Unimontes Científica**, v. 10, n. 1/2, p. pág. 2-11, 2008.
- DAMO, Arlei Sander. A rua e o futebol. In: STIGGER, M.P; GONZÁLEZ, F.J; SILVEIRA, R da. (Orgs.). **Esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- DUARTE, Orlando. **Futebol: Histórias e Regras**. São Paulo: Makron Books, 1997.
- ECOTEN, Márcia Cristina Furtado. A mulher no espaço do futebol: um estudo partir de memórias de torcedoras coloradas. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 1, 2013, Natal-RG. **Anais...** São Paulo, SP: Editora ANPUH-SP, 2013.
- FARIA JÚNIOR, A. G. Futebol, Questões de Gênero e Coeducação – Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural, **Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol**, Rio de Janeiro, n. 2, 1995.
- FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.
- GOERG, M. **Futebol na várzea**: Uma investigação sobre os valores presentes no cotidiano da prática. Porto Alegre - RS, 2010. 25 f. Monografia (Bacharel em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2010.

GONÇALVES, A. M. A. **Futebol Amador: Campo Emergente de Sociabilidade**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002. 98 f. Dissertação (Mestrado em sociologia) - Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2002.

GUIRRA, Frederico Jorge Saad; ALMEIDA, Jacqueline Vieira. Análise da percepção de jogadores de futebol amador sobre mulheres que praticam o futebol. **Rev. Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 3, jul./set. 2015.

HAHNER, J. E. **A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. Trad. Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

KNIJNIK, Jorge Dorfiman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. 2006. 412 f. Tese (Psicologia Social e do Trabalho) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Rev. Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 69-81, 2007.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.26, n.2, p.73-86, 2005.

PEREIRA, Diana Vanessa; COURA, Francijane Nogueira; ARAÚJO, Naddine Elkane Simão de. Feminismos: luta pela equidade de gênero, justiça social e direito pelos corpos. In: VI SEMINÁRIO CENTROS, 5, 2018, Itaperi-CE. **Anais...** Itaperi, CE: Editora Centro de Estudos do Trabalho e Ontologia do Ser Social, 2018.

PEREIRA, S.A. M.; MOURÃO, L. Identificações de gênero: jogando e brincando em universos divididos. **Rev. Motriz**, Rio Claro, v.11 n.3, p.205-210, set./dez. 2005.

PIMENTA, R. D. **Desvendando o Jogo: O futebol amador e a pelada na cidade e no sertão**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009. 225 f. Tese (Doutorado em sociologia) - Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

SANTOS, Maria de Fatima Oliveira. **Diário de campo**. 2019.

SILVA, J. L. F. Futebol: amadorismo em tempos de profissionalismo. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 1, p.64-76, jan/jun, 2011.

SILVA, M. M. R.; SANTOS, H. P. Cruzando fronteiras “um olhar sobre gênero e o futsal na escola em Catalão”. In: I SSEGP, 1, 2010, Londrina-RS. **Anais...** Londrina, RS: Editora Universidade Regional de Londrina, 2010.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Rev. Motriz**, vol. 8 n. 1, p 1-9, 2002.

TELLES, G. P. **País do futebol... feminino? a (in)visibilidade das mulheres nas quatro linhas**. Rio de Janeiro -RJ, 2017. 65 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, Rio de Janeiro 2017.